



Alexandre Santos

Outra  
Guerra do  
Fim do Mundo

**ALEXANDRE SANTOS**

**OUTRA GUERRA DO  
FIM DO MUNDO**

PREÂMBULO & CAPÍTULOS 1 A 4



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de  
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial  
Alexandre Santos  
Jacinto Almeida  
José Kameniecki  
Caio Porto  
Carlos Newton Júnior



Quando lancei 'Armagedom', por absoluto receio de 'deixar um livro inacabado' (na época, eu estava beirando os 70 anos), pensei em não mais escrever textos longos e limitar a minha produção literária aos contos, às crônicas e aos pequenos ensaios. Mesmo assim, não consegui me conter e comecei a escrever um novo romance, com título provisório 'Outra guerra do fim do mundo'. Como o receio de 'deixar uma obra inacabada', vou divulgar o texto em fatias, ao tempo que as partes forem concluídas.

Ao meu amigo Rogério Generoso, que  
partiu muito cedo e deixou grande obra  
poética inacabada

# **PREÂMBULO**

Nos últimos cem anos, o mundo passara por muitas modificações.

Modificações radicais.

Modificações definitivas.

Embora os astrofísicos dissessem que as aparências geográfica, morfológica, geológica, topográfica e climática do planeta permanecessem as mesmas, a Humanidade mudara e, por isso, a Terra também mudara. Aliás, considerando a opinião de cientistas, artistas, políticos, infectologistas, economistas, sociólogos e paleontólogos de diversas naturezas, historiadores afirmavam que, desde a Era Glacial, a Terra nunca passara por modificações tão profundas. Seguindo, talvez, a dialética, os estudiosos diziam que,

mesmo sendo o mesmo, o Planeta de hoje era diferente daquele [Planeta] de ontem. Não se tratava de uma questão filosófica. O Planeta estava diferente mesmo. De fato, dispensando lupa, uma observação qualquer mostrava que, estando sujeitos a novo modus vivendi, apesar de não aparentarem modificações externas e continuarem no topo da cadeia alimentar, os homens estavam modificados, modificando, conseqüentemente o planeta. As observações mostravam, inclusive, que grande parte dos homens havia regredido na escala de evolução.

Estudos apontariam que, no curso da catástrofe, tinham surgido, pelo menos, duas espécies humanas - espécies que, apesar de idênticas do ponto de

vista morfológico, além de desenvolver sistemas imunológicos peculiares, cultivavam e praticavam modos de organização comunitária muito diferentes, o que, por si só, era suficiente para torná-las díspares.

Talvez pela proximidade histórica, embora abundantes, os registros da calamidade e da metamorfose social subsequente eram incompletos e imprecisos. De qualquer forma, nos ambientes mais esclarecidos, sabia-se que, naqueles últimos tempos, o surgimento de novas linhagens da cepa original da nova mutação do coronavírus e os sucessivos desdobramentos da pandemia tinham provocado a morte de centenas de milhões de pessoas, transformando extensa parte da Terra

num grande cemitério à céu aberto (naquilo que, poeticamente, Basílio da Gama chamou de 'pasto de corvos'), bafejado pelo cheiro nauseabundo, levemente adocicado, que os crematórios sanitários espalhados por todos os cantos das cidades vitimadas exalavam constantemente.

Uma hecatombe que, no dizer de muitos, significava o Juízo Final.

A tese do Juízo Final ganhava força especialmente porque, ao tempo que, em alguns lugares, cercadas pela morte, pelo medo e pelo sofrimento, populações miseráveis agonizavam a fome, a doença e os estertores próprios da Covid, experimentando o pior dos mundos, um mundo verdadeiramente infernal, em outros [lugares], comunidades tinham

sobrevivido e superado a pandemia e, agora, já recuperadas, desfrutavam vida normal e começavam a dar passos rumo ao progresso, vivendo em óbvio Paraíso na Terra. Assim, nos termos da tese prevalecente, aqueles que habitavam o Paraíso eram os Escolhidos de Deus e aqueles que viviam a barbárie infernal eram os condenados ao fogo eterno.

Tudo muito lógico e muito bem explicado.

Por condenação de Deus ou infortúnio natural, dando um nítido indicador sobre o maior dos pecados, os países regidos pelo Egoísmo foram rapidamente levados à barbárie, experimentado a miséria generalizada e, sempre imersos em atmosfera

contaminada, viviam constante ameaça de extinção. O caminho trilhado por estes países foi marcado pela recusa de compreender a natureza das coisas e dos tempos. Com efeito, preocupados em manter o velho sistema baseado em disputas - um regime que, dando irrelevância ao conflito de desiguais, permitia e, mesmo, estimulava poderosos a aumentar a pobreza dos pobres, açambarcando nacos das suas parcas disponibilidades para ficarem mais ricos -, muitos governos desdenharam a segurança e o bem-estar das pessoas e, ao invés de enfrentar a pandemia com abordagens globais, preferiram tocar a vida como se nada estivesse acontecendo.

Assim, além de evocar princípios menores, como a 'importância de equilíbrios orçamentários' e a 'solidez da moeda', para repudiar projetos que exigissem a aplicação de recursos necessários para imunizar as pessoas e capazes de sustentá-las [as pessoas] durante longas quarentenas, os governos egoístas privatizaram a vacinação, excluindo os pobres da imunização, e forçaram as pessoas a manter as atividades econômicas como forma de obter o sustento do dia-a-dia. Em consequência, o vírus encontrou ambiente acolhedor, não só para se disseminar, mas, também, para desenvolver novas cepas - mutações que terminaram por também infectar as comunidades ricas (que se julgavam protegidas) e, ao final, contaminar a

todos, levando aqueles países à debacle sanitária e falência econômica. Marcados pela pobreza generalizada e cercados pela morte, os países regidos pelo Egoísmo se converteram em ambientes de anarquia e nascedouro de hordas que sobreviviam do saque, carcomendo o que restava de organização social.

Com a banda regida pela Solidariedade aconteceu coisa diferente.

De fato, estranhamente, sobre o mesmo planeta, em contraponto surreal como se representasse um enclave celestial no próprio inferno, significativos pedaços de terra pareceram imunes ao vendaval que dizimava o resto da Terra, deixando florescer abundância e, mesmo, alegria.

Um viajante estrelar talvez não compreendesse como num mesmo planeta, podia, ao mesmo tempo, existir lugares tão díspares. Enquanto, no além do cinturão sanitário limítrofe das bandas politicamente antípodas, o coronavírus multiplicava mutações mortais, contaminando as multidões provocadas e permitidas pelo modo Egoísta de agir, no aquém [do cinturão limítrofe], o vírus tinha sido contido, restabelecendo o ambiente onde as pessoas puderam voltar à normalidade e prosperar.

Um olhar mais apurado deste viajante estrelar mostraria que, na banda próspera, regidos pela Solidariedade e decididos a proteger a vida das pessoas, depois de recorrer às milenares técnicas

de isolamento e distanciamento [entre as pessoas] (e garantir a renda necessária para que, nestes períodos, elas pudessem manter o consumo dos bens necessários), os governos tinham investido em ciência e tecnologia para o desenvolvimento de vacinas e remédios contra a doença. Assim, guarnecidas por campanhas de vacinação em massa e dispensadas do trabalho para poder sobreviver, as pessoas puderam cumprir protocolos rigorosos de distanciamento e, sem ter por onde prosperar, a pandemia refluíu. Os habitantes desta banda saudável puderam, então, retomar a vida sem padecer as tristezas e torturas que afligiam a banda regida pelo Egoísmo, então duramente afetada pela pandemia.

Deste modo, criando o panorama descrito na literatura religiosa como Céu e Inferno, o Juízo Final dividiu o mundo em duas bandas: uma banda próspera e livre do vírus mortal, regida pela Solidariedade e chamada de 'Paraíso' pelos próprios moradores, e uma banda destruída pelo Egoísmo, chamada por todos de 'Profundezas', numa clara alusão ao inferno que encarnava.

Estava, pois, definida a essência do mais grave dos pecados: o Egoísmo.

Mais do que o vírus que tantos males trouxera à Humanidade, o modo de ser implícito e decorrente do Egoísmo era peça-chave do processo que dificultava, anulava ou impedia a realização bem-sucedida de esforços para conter a sua propagação

[propagação do vírus] e para curar a doença por ele provocada, sendo, portanto, o elemento central da maldição. Além de mais grave, se visto no longo prazo, o Egoísmo era, também, o pecado mais dispendioso e prejudicial, inclusive para os egoístas, pois, tal como um bumerangue, cedo ou tarde, seus efeitos voltavam e os alcançavam [alcançavam os egoístas], cobrando-lhes pesadas prendas.

E, assim, com homens vivendo diferentes estágios de organização social espalhados pelo Céu e pelo Inferno, distribuídos no Paraíso ou nas Profundezas conforme o grau de afetação pela pandemia, a Humanidade experimentou recomeço, dando início a um novo período civilizatório. Surgiu,

então, uma nova Civilização. Vinha marcada pelas diferenças e pelos desníveis que caracterizavam as bandas que compunham a nova Humanidade - o Paraíso, que oferecia a qualidade de vida desejada por todos, e as Profundezas, que negavam tudo a todos. Acirradas pelas vontades e pelas ambições decorrentes do Egoísmo característico da banda infernal, estavam postas as condições para o despertar dos conflitos próprios das civilizações.

Dessa forma, reprisando o passado desde o nascedouro - fosse pela dificuldade de aprender com a história, [fosse] para atender vontades incontrolláveis ou, ainda, [fosse] pela necessidade famélica -, as Profundezas protagonizaram os primeiros conflitos de

sobrevivência e de rapina, dando início a mais uma longa história de disputas, as quais (aqueles homens não tinham como saber), pouco a pouco, se espalhariam por todo o planeta e, um dia, terminariam por provocar o fim daquele novo ciclo civilizatório, dando início a um outro.

A Terra continuava a girar.

# PARTE 1

Decorrente de genes  
presentes na Humanidade  
desde o início dos tempos, o  
Egoísmo nunca vai aceitar a  
prevalência da Solidariedade

Àqueles que lutam contra o  
Egoísmo

CAPÍTULO I

# OS NOVOS MUNDOS

A dinâmica global decorrente da forma como os povos enfrentaram a pandemia terminou por dividir o mundo em duas bandas.

Numa delas, a banda oriental, estava o Paraíso, um polo de afluência e avanço social que passou a ser chamado Jardins - uma república democrática complexa, composta em esquemas participativos e representativos, que, impulsionada pela solidariedade e pela cooperação previstos no modelo Solieska de ação econômica, investira na pesquisa para produção de vacinas tão logo surgiram as primeiras infecções e casos de contágio e, por conta disso, rapidamente, conseguiu debelá-la [debelar a pandemia] para seguir a vida

e alcançar padrões superiores de desenvolvimento. Segundo os novos livros de geopolítica, a banda oriental do Planeta, a República Democrática dos Jardins, era um país surgido do combate bem-sucedido contra a pandemia de coronavírus, que reunia sob um mesmo governo central, Povos e etnias de diversas regiões do Planeta, em articulação geopolítica cujo ponto em comum fora a crença na ciência como arma contra o vírus mortal

Na banda ocidental, estavam as Profundezas, um polo de miséria, quase selvagem, que passou a ser chamado de PontoUm ou, simplesmente, Federação - um amontoado de cidadelas e feudos derivados de comunidades que, no início dos tempos, com os olhos colocados no

curtíssimo prazo, focados basicamente nos negócios e despreocupados com todo o resto, considerou o vírus como uma espécie de castigo divino menor e, confiando numa improvável 'imunidade de rebanho', em pouco tempo, assistiu a morte de dezenas de milhões de pessoas e a transformação da região num imenso cemitério, mergulhando-a na profunda crise econômica e social que terminou por leva-la ao limiar da barbárie.

Tendo regredido a patamar rudimentar de avanço científico e tecnológico e se convertido num mar de pobreza e de miséria, o PontoUm era uma federação primitiva, naturalmente instável, formada por pequenas comunidades marcadas por brutais desníveis econômicos e sociais, as quais,

refletindo o modo egoísta de pensar e de agir das pessoas, estavam empenhadas permanentemente em conflagrações fratricidas, em constantes disputas em torno de terras, águas, safras, caças, minérios, remédios, rotas, ar puro e tudo o mais.

Ao tempo que exerciam rigoroso controle das comunicações, impedindo a circulação de informações e proibindo os conterrâneos de tomar conhecimento sobre os milagres advindos do modo de pensar e de agir prevalecentes nos Jardins, movidas pelo Egoísmo de sempre, as elites ocidentais acirravam as disputas internas na sua área de atuação e, com isso, aprofundavam, ainda mais, os desníveis entre as castas que compunham o espectro social da banda.

Aliás, se comparada com a situação dos habitantes dos Jardins - que dispunham de serviços públicos de excelente qualidade, atravessavam elevados estágios de desenvolvimento social, econômico, científico e tecnológico e tinham rendas elevadas -, o estado das elites do PontoUm era quase medieval, ocupando nichos cujos modernismos se limitavam a artefatos roubados ou contrabandeados da terra vizinha ou a arremedos tecnológicos construídos a partir da engenharia reversa aplicada nesse ou naquele produto.

Mesmo assim, nos termos do espírito competitivo que animava as elites ocidentais - embora vivessem condições de vida muito inferior àquelas desfrutadas pelos habitantes dos Jardins

e apesar da penúria econômica, social, científica e tecnológica da região - excluída a insatisfação decorrente do 'quero mais' natural da ambição e da ganância próprias do Egoísmo, em certa medida, a miséria vivida pela maioria dos seus conterrâneos as confortava [confortava as elites]. Além do mais, como todas as Xurebas, querendo acentuar os degraus que as separavam do populacho miserável, as elites do PontoUm criaram uma atmosfera artificial de prosperidade, preenchendo-a com uma ridícula nobliarquia aristocrática composta por arquidukes, duques, marqueses, condes, viscondes, barões, morgados, lordes, milades e outros títulos que eles próprios se concediam e, na visada imediata, [as elites] pareciam consoladas pelo fato de

haver um número cada vez maior de pessoas relativamente 'mais pobres' [mais pobres do que elas], vivendo condições muito degradantes. Aliás, de tão egoístas e amorais, as elites ocidentais sugavam até recursos destinados às favelas periféricas. De fato, parte da 'riqueza' acumulada pela nobliarquia do PontoUm era obtida através da pilhagem de donativos e doações feitas por associações humanitárias dos Jardins aos miseráveis locais. Assim, considerando a pobreza dos conterrâneos como fonte de renda e agindo de forma sub-reptícia à frente de mecanismos de esbulho e de usurpação, os aristocratas do PontoUm desviavam e se apropriavam de recursos dos miseráveis, impedindo a melhoria da sua qualidade de vida e contribuindo

deliberadamente para fazê-los mais pobres.

De qualquer forma, a 'satisfação' das elites-xureba era aparente, pois, embora concretamente nada fizessem para alterar a situação da banda ocidental, impulsionadas pelo quero-mais inerente ao Egoísmo e submetidas a um esquema rígido liderado pelo arquiduque situado no topo da hierarquia aristocrática, no fundo, [as elites] ambicionavam as condições de vida dos habitantes dos Jardins (não para todos, claro, mas apenas para elas próprias).

De fato, em assunto nunca comentado com as castas inferiores, a nata das natas do PontoUm sonhava o dia no qual tivessem força suficiente

para empreender uma guerra de conquista contra os Jardins e, quem sabe, mesmo sem alcançar a vitória (hipótese muito remota), pudessem, pelo menos, conquistar e anexar algum território e, com ele [com o território], [incorporar] algum naco da afluência da banda oriental.

Naturalmente, apesar de a guerra de conquista ser um panorama impensável - pois, mesmo se vencessem uma ou outra escaramuça, as poucas tropas do PontoUm não teriam como suportar um único dia de combate contra as poderosas tropas dos Jardins -, a história mostrava que, por ambição desenfreada ou desespero famélico, rejeitando o perigo inerente ao roubo de cargas nas estradas internas da

Federação - onde campeava um mundo sem lei, pleno de riscos e que reservava aos Raubritters caídos em desgraça a pena de morte -, eventualmente algum baronete se aventurava em incursões isoladas (e quase sempre malsucedidas) no território dos Jardins, em busca de alguma prenda valiosa ou de recursos capazes de garantir-lhe sobrevivência por algum tempo.

CAPÍTULO II

**A FRONTEIRA**

Separando as duas bandas do planeta, não havia apenas as diferenças culturais advindas dos modos de pensar e de agir dos seus povos ou os abismos científico e tecnológico decorrentes das opções primais por eles adotadas.

Embora tivessem a mesma origem e, em linhas gerais, fosse a mesma, a língua e o linguajar também apresentavam diferenças. De fato, com o passar do tempo, como sempre acontece, as bases territoriais independentes manifestaram peculiaridades que se projetaram sobre o modo de falar das pessoas, inicialmente através de sotaques e gírias e, depois, como se ganhassem vida autônoma, [as línguas] incorporaram e desenvolveram neologismos e expressões idiomáticas

próprias como se bifurcassem novos idiomas. De qualquer forma, desde que quisessem, falassem com vagar e usassem vocabulário básico e trivial, os habitantes dos Jardins e do PontoUm conseguiam conversar sem problemas, entendendo e se fazendo entender por todos.

Do ponto de vista físico, os Jardins e o PontoUm eram separados por algumas barreiras materiais, especialmente pelo extenso Rio das Almas, curso d'água que, de simples regato na região do nascedouro, ganhava caudal ao descer a Cordilheira do Grito Eterno - a cadeia de montanhas escarpadas e altiplanos suaves, cujo nome provavelmente se referia ao eco multiplicado que refratava das suas

encostas íngremes - através da Floresta Negra - o denso maciço vegetal de árvores milenares e arbustos de todas as espécies que sobrevivera à sanha das madeiras e das mineradoras graças à preservação estabelecida nos acordos diplomáticos firmados pelas duas bandas para a zona fronteiriça - e se convertia num delta manhoso espalhado através de centenas de rios e riachos pela planície Esmeralda antes de se lançar ao mar, levando consigo um pouco dos sonhos e das frustrações dos descontentes com a separação da Terra nas duas bandas.

Embora presumivelmente deserta por força dos Tratados que a estabeleceram, a longa fronteira entre as duas bandas era muito vigiada.

De fato, na borda interna do PontoUm, sem reconhecimento oficial, a linha limítrofe ocidental era percorrida por patrulhas raianas recrutadas por um ou outro baronete da região e, do outro lado da fronteira, o território dos Jardins era povoado por milhares de olhos e ouvidos eletrônicos conectados a modernos equipamentos de vigilância monitorados remotamente desde os centros de controle instalados pelas forças de segurança nas cidades e povoados da área ciliar. Estranhamente, tendo em vista o desequilíbrio no estágio de desenvolvimento das duas regiões, o objetivo de ambos os dispositivos era semelhante, pois, ao tempo que, dotadas de sofisticação tecnológica rudimentar, as patrulhas ocidentais se empenhavam em impedir fugas e deserções, o

moderno sistema dos Jardins visava impedir invasões.

Aliás, de tão sensível, a rede de radares e sensores instalados pelos Jardins para vigiar a fronteira ocidental detectava qualquer movimento - até o voo de um passarinho, o disparo de um bodeque ou a corrida de uma ratazana eram percebidos e registrados com clareza. Por isso, antes de acionar dispositivos de segurança com base nos alertas, os avisos eletrônicos emitidos pelo sistema primal de vigilância passavam por um rigoroso protocolo de confirmação. Inicialmente, uma frota de drones voava até o local suspeito para eliminar alarmes-falsos e, depois, se fosse o caso, além do olhar distante (e preciso) de alguns dos satélites que

compunham a constelação Águia - sistema remoto de espionagem e macro observação dos territórios de interesse dos Jardins -, patrulhas fronteiriças eram despachadas para verificar in-loco a suposta violação da fronteira, fazendo, caso necessário, o primeiro enfrentamento dos invasores e o levantamento estimativo do perigo representado pela incursão indesejada. Só, então, com a observação e recomendação daqueles filtros, as tropas regulares eram acionadas e seguiam para o eventual combate com a orientação geral de usar força compatível com o perigo detectado.

**CAPÍTULO III**  
**FLORVILLE**

A capital da República Democrática dos Jardins - ou simplesmente Jardins, como todos chamavam a banda oriental do planeta - era Florville, cidade nascida à beira mar, na foz do Rio das Águas Lindas, um dos muitos braços multifurcados pelo caudaloso Rio das Almas ao se esparramar pela planície Esmeralda para formar o delta úmido, marcado pelos campos férteis e floridos da zona drenada das terras firmes e pelos pântanos lamacentos das águas salobras advindas do vai-e-vem das marés oceânicas sobre as partes baixas. Pérola da província Nova Bulgária, Florville era vizinha do Enclave Ultramarino do Cachimbo, único distrito que fazia fronteira direta com o PontoUm (e, portanto, objeto de importância

estratégica para o sistema de defesa do país). Na realidade, de 'ultramarino' o tal Enclave Ultramarino do Cachimbo nada tinha e seu nome decorria do fato de, um dia, suas terras terem pertencido ao PontoUm e, na perspectiva política, eram 'distantes', como se houvesse um mar entre eles.

Contrastando com a sobriedade moderna, quase gélida, de FlorvilleZeta - o distrito administrativo construído na extremidade sul do tronco transversal da cidade, segundo um projeto concebido especificamente para abrigar com funcionalidade a alta gestão pública do país, sendo o local onde, obedecendo a cadência dos despachos e das audiências, as decisões eram tomadas para impor o *modus vivendi* seguido

pela banda oriental - no lado oposto, FlorvillePrime, a localidade que dava alma à cidade, fervilhava vida por toda a parte.

Vista de cima, a depender da altura da observação, FlorvillePrime parecia uma rosa ou uma teia de aranha. Os olhares mais elevados a viam como uma rosa cujo caule ligava o bulbo a uma espécie de casulo - imagem associada por muitos ao distrito administrativo FlorvilleZeta. Mais de perto, [os olhares] viam uma teia de aranha irregular articulada por fios perimetrais circulares dispostos em ondas centrípetas vindas do centro e estruturada por linhas saídas das periferias para convergir para o tronco que levava à FlorvilleZeta. Este olhar, qualquer que fosse ele, mostrava

FlorvillePrime cortada por uma linha tortuosa e molhada - [esta linha] devidamente margeada em ambos os lados, era o Canal Aprígio, um curso d'água artificial usado no processo de drenagem da área e que, atravessando o tecido urbano de lado a lado, escorria para o Rio das Águas Lindas. Tendo a malha viária como suporte, mesclados por parques e jardins, os quarteirões pontilhados por edificações de todos os tipos eram dispostos nas camadas delimitadas pelas vias perimetrais, compondo uma geometria semelhante às cebolas, que, para compensar a desorientação própria das malhas esconsas e sinuosas, exigia densa sinalização. Aliás, confiando na sinalização, cujas placas, totens e pórticos prometiam orientação precisa,

segura e trajetos curtos entre os pontos escolhidos, as pessoas preferiam caminhar, singrando o tecido urbano de FlorvillePrime, através das suas perimetrais, marginais e estruturais.

Não havia lei que determinasse um modelo específico de uso ou de ocupação do solo em FlorvillePrime. Na realidade, na capital da banda oriental, refletindo um modo de ver o mundo segundo o qual as pessoas e as coisas mudam em função da época, da ocasião e do local dos acontecimentos, a depender da vontade e do humor da população (que era consultada sobre tudo), qualquer coisa podia ser permitida ou proibida.

FlorvilleZeta era diferente. Fruto de planejamento, o distrito ao sul da cidade parecia uma miragem do futuro.

Na realidade, muitas cidades dos Jardins tinham aparência futurista - São Cristóbal, Proppa Máxima, Juju City, Pétit Nova Bulgária, Turmalina e tantas outras, que pareciam trazidas das páginas de um livro de ficção científica, com torres pontiagudas, intenso uso do subsolo, corredores aéreos exclusivos para balões, drones e dirigíveis, funcionamento diuturno e tudo o mais. Aliás, em processo robustecido no dia-a-dia por fatores econômicos, o passar dos tempos tinha consolidado uma sociedade urbana - condição que passou, inclusive, a servir de parâmetro para medir o nível de 'desenvolvimento' das

regiões. As sociedades rurais eram consideradas as 'mais atrasadas' e, em contraponto, as [sociedades] urbanas, [eram consideradas] as 'mais adiantadas'. Fosse como fosse, ao contrário daquilo que ainda ocorria no PontoUm, em tendência ascendente, a maior parte da população da banda oriental morava em cidades de todos os tamanhos, deixando os campos praticamente desertos entregues à mecanização e, em compensação, adensando aglomerados urbanos com crescentes multidões.

Por tudo o que acontecia nos Jardins, os sociólogos tinham concluído que nas cidades, cumprindo esquemas sociais e econômicos de lógica semelhante, as pessoas almejavam trocar

casas por apartamentos, tendendo a se amontoar em torres cada vez mais altas. Foi nesta perspectiva que surgiram urbes concentradas vocacionadas à verticalização. Aliás, ao tempo que a escala de consumo viabilizava o funcionamento de gigantescos centros comerciais e, também, [viabilizava] a instalação de equipamentos públicos, o adensamento populacional criava necessidades - algumas das quais de difícil superação, especialmente por conta da rigidez de características físicas prevaletentes e dos elevados investimentos requeridos. E, nesta ambiência, emergia a dúvida se as facilidades proporcionadas pelo adensamento populacional compensavam os problemas dele decorrentes. Em certos momentos -

como horários de pico do trânsito ou  
invernadas chuvosas - os  
engarrafamentos e os alagamentos  
davam maior consistência a esta dúvida  
e, progressivamente, um maior número  
de pessoas se perguntava se o 'preço'  
pago pelos confortos da cidade valia a  
pena. Nem assim a tendência  
urbanizante arrefecia e, impulsionadas  
pelo modelo econômico e por novos  
padrões tecnológicos, as cidades  
continuavam a crescer, convertendo-se  
em megalópoles incontroláveis. É  
verdade que, acuado pela insegurança  
própria dos tempos modernos e  
amparado por avanços tecnológicos, um  
contingente progressivamente maior  
procurava alongar a permanência no  
domicílio, desenvolvendo hábitos que  
faziam a festa dos empresários do

entretenimento e da comunicação à distância e deixavam, como consequência, alguma alienação social. Esta nova dinâmica, no entanto, era insuficiente para resolver o problema da superlotação das ruas, pois o volume atraído para a segurança do lar era sobejamente superado pelo incremento trazido pela urbanização adensada. E, premido por mais pessoas, mais automóveis, mais edifícios, mais concreto e mais aço, o caos urbano aumentava e se fortalecia a cada dia.

Não brotava sem razão o extenso rol de críticos do modelo de cidades - um leque que abrigava desde os moderados, que apenas alimentavam o sonho de 'uma casa no campo' ou buscavam refúgio em praias distantes

sempre que podiam, até os radicais, que, sem meias palavras, alardeavam a falência da urbe e defendiam a migração de volta aos campos. Independente da forma e da veemência como o assunto era abordado, a maioria dos pensadores concordava que era hora de se repensar o modelo de cidades.

Também era assim nos Jardins, onde uma grande parte de pensadores e urbanistas defendia que a sociedade desfrutaria melhor qualidade de vida se trocasse as megalópoles por cidades menores. A ideia não era nova. No século XIX, bem antes da grande pandemia que mudou o mundo, numa espécie de premonição genial, Fourier defendeu a vida em comunidades - os falanstérios - cuja população não

ultrapassaria 1.600 pessoas. Outros pensadores imaginam que a 'vida aceitável' poderia ser alcançada em aglomerados máximos de 100 mil almas. De qualquer forma, nas discussões travadas nos meios científicos, a despeito da funcionalidade conhecida e desfrutada nos aglomerados urbanos dos Jardins, não havia quem defendesse a vida em megacidades.

Nada indicava, no entanto, que, nos horizontes perceptíveis, a sociedade moderna viesse a alterar as vigas mestras do padrão vigente dos assentamentos. De fato, fruto de um sistema econômico e social de raízes muito profundas e dispondo de significativa margem de manobra em variáveis expressivas, o modelo de cidades passava por

adaptações capazes de conciliar as multidões com os espaços per capita progressivamente menores, ganhando sobrevida indefinida.

Segundo estudos da universidade de Florville, o modelo de cidades marchava para o futuro levando consigo modificações impostas pela realidade - mais cedo ou mais tarde, por exemplo, o rodízio de expedientes contínuos seria obrigatório - e permitidas pelas novas tecnologias - especialmente nas áreas da construção, da energia e dos transportes. A tendência imaginada pelos urbanistas da banda oriental contemplava cidades espalhadas por vastas áreas, organizadas em esquemas multipolares e diuturnos, crescendo para cima e para baixo em arranha-céus de profundos subsolos,

valorizando a produção local e o consumo de energias limpas, dando a máxima atenção à questão ambiental, exaurindo a utilidade dos bens econômicos através da reciclagem e reaproveitamento dos dejetos e rejeitos. Como já se via em muitas cidades dos Jardins, a cidade do futuro não saberia o que era dia ou [o que era] noite, pois precisaria usar todo o tempo e todos os espaços disponíveis para acomodar as pessoas e os serviços por elas requeridos. Ao contrário daquilo que a maioria desejava, a cidade do futuro seria imensa, multipolar, vertical e diuturna.

Assim era Florville.

Um belo formigueiro humano, pulsante, frenético, pleno de movimento.

Céus riscados por aeronaves que percorriam rotas específicas para aviões, drones, helicópteros, dirigíveis e balões vindo ou indo para algum dos três aeroportos da cidade. Intenso fluxo de jet-skis, barcos e lanchas que subiam ou desciam as águas do Canal Aprígio, do Rio das Águas Lindas e da costa, pingando nos cais de bordo e transbordo em viagens molhadas. Ruas e avenidas davam palco para o convívio de automóveis, motocicletas, ônibus, taxis, trens de superfície e tudo o mais que levava pessoas e cargas pela cidade. Dotados de bancos e jardineiras floridas, passeios públicos e ciclovias se esparramavam sobre mantas especiais que convertiam os impactos das passadas em energia e acolhiam intenso tráfego de pedestres, ciclistas e skatistas

em faixas separadas e exclusivas. Estações de metrô engoliam e brotavam pessoas, em interminável vai-e-vem na direção do subsolo perfurado por túneis que se superpunham em diversos níveis e profundidades. A cidade funcionava como um imenso relógio com milhões de engrenagens perfeitamente encaixadas com harmonia e precisão.

A mobilidade era ponto alto do planejamento urbanístico de Florville, sendo motivo de orgulho dos seus habitantes. Um sistema subterrâneo de metrô articulava a cidade em viagens rápidas e fazia a conexão de todos os seus pontos com a estação ferroviária e com os aeroportos. A estação ferroviária central era uma edificação sui-generis, pois, como não era visível a olhares

sobre a superfície, alguns a diziam invisível. Com efeito, localizada na chamada 'Praça dos Trens' nas proximidades da Praça Maior, em FlorvilleZeta, a Grande Central de Florville era subterrânea e, se não avisado a tempo, um estrangeiro jamais imaginaria que sob aquele piso ajardinado houvesse uma construção tão complexa. Caracterizada por grandes 'bocas' através das quais o público tinha acesso aos três pavimentos do subsolo, a Grande Central fazia a ligação dos trens que chegavam e partiam de Florville com a rede de metrô da cidade.

No entorno da cidade estavam os aeroportos, inclusive aquele reservado aos dirigíveis turísticos e aos DOC's - dirigíveis destinados à observação e

comunicação. Para disciplinar o intenso tráfego aéreo sobre a cidade, o espaço era fatiado em curvas de níveis específicas, reservando locais e batimetrias exclusivas para cada tipo de veículo, segundo o seu uso e alcance das viagens.

Ao longo da praia protegida por arrecifes, do Canal Aprígio e do Rio das Águas Lindas, especialmente na margem direita, estavam os pequenos portos e ancoradouros para acolher os barcos de todos os tamanhos que singravam as águas salgadas ou salobras em trajetos e velocidades previamente definidos nos regulamentos próprios para cada modal de transporte.

Com movimentação facilitada pela funcionalidade dos equipamentos nela instalados, Florville era um exemplo de animação, mostrando tipos diferentes de dinâmica social para onde quer que se olhasse. De fato, Florville era uma festa diuturna onipresente, marcada pelo convívio de avanços tecnológicos com o burburinho próprio da arte e da cultura. Até os postes encimados com micro cataventos e mini placas solares geradores de energia se ajustavam ao padrão de cores usadas nos outdoors e nos murais gigantescos que decoravam as fachadas de prédios recepcionados por esculturas de todos os tipos. Vendo ciência e arte por toda a parte, um visitante poderia pensar estar num parque de exposições a céu aberto. Mas, não. Aquilo era Florville. Pontilhada por

livrarias, bibliotecas, teatros, pavilhões, casas de shows e de espetáculos, ateliês, ginásios, galerias de arte e cinemas por toda a parte, além de abrigar duas grandes universidades e funcionar como o centro político e administrativo do país, Florville acolhia muitos congressos, fóruns, feiras e festivais, sendo normal as pessoas esbarrarem com celebridades nos restaurantes ou nas ruas e praças, sempre animadas por apresentações de artistas de rua ou da arte circense.

Até o cemitério de Florville, sugestivamente chamado de 'Paz eterna', se destacava como lugar especial, conseguindo unir sobriedade com o certo tom de alegria transcendental para produzir um tipo *sui generis* de encanto. Assim, os mapas turísticos de Florville o

apresentavam como se, além de necrópole, o 'Paz eterna' fosse um parque artístico guardado por anjos e gárgulas esculpidas por grandes mestres.

Assim era Florville.

Mais do que uma cidade, Florville era um lugar onde sonhos se realizavam ou, como cantavam os poetas, um sonho em forma de cidade.

**CAPÍTULO IV**  
**O ALTO COMANDO DOS JARDINS**

Tanto a administração da capital Florville, como [a administração] da República Democrática dos Jardins eram feitas a partir de modernos prédios erguidos no entorno da Praça Maior, o amplo espaço cívico no coração de FlorvilleZeta que coroava a extremidade sul da linha tronco vinda de FlorvillePrime.

Naquela região marcada pela arquitetura ousada, os prédios da Praça Maior eram aqueles que mais se destacavam, em função da sua altura e imponência. Talvez o mais grandioso fosse o Coliseum - o arranha-céu colossal fincado na posição extrema do tronco sul. Era lá onde estavam a sede do Poder Planificador, incluindo ministérios e organizações da administração e, ainda,

um pequeno hotel para hospedar funcionários graduados em viagem de trabalho à capital e, no subsolo, além do QG do Batalhão Base Coliseum dedicado exclusivamente à proteção do distrito administrativo sob o comando do general Theo Pinto Fragoso, [estava] o acesso à rede de túneis que interligava os edifícios públicos, garantindo-lhes uma eventual saída de emergência em caso de necessidade. Era do topo deste gigante da engenharia, em conjuntos localizados alguns andares abaixo do heliporto plantado no cume do edifício, onde o presidente SantaClara Penalva, chefe do Poder Planificador, tinha escritório e reunia a equipe de governo para formular o planejamento económico e social dos Jardins e definir as políticas públicas para o desenvolvimento

territorial, investimentos públicos e cooperação.

O presidente SantaClara Penalva era uma lenda viva nos Jardins. A fama de herói fora construída ainda no período anterior à constituição da república, quando, depois de sobreviver a primeira onda de infecções, liderara o combate ao vírus, inicialmente comandando o lockout que deixara a maior parte das cidades completamente desertas e, depois, capitaneando a campanha em prol das pesquisas científicas que levaram à vacina. Na época, debelada a pandemia, argumentando a importância da solidariedade, SantaClara Penalva - ou simplesmente 'comandante Penalva' (como a ele se referiam os pioneiros da

iniciativa diplomática que se formava) ou, ainda, 'presidente SantaClara' (como terminou por ser chamado, inicialmente, nos escalões subalternos da administração nos rincões mais distantes, depois, por todos os servidores no âmbito do governo e, finalmente, por toda a população, sendo o nome que aparecia nos crachás usados para marcar posições nas mesas de reunião e no noticiário da imprensa) - [SantaClara Penalva] usou seu prestígio para debelar resistências e consolidar a grande articulação das regiões que adotaram mesma estratégia, marcharam juntas no combate ao vírus mortal e terminaram por formar a República Democrática dos Jardins. Embora fosse líder tolerante e complacente, SantaClara Penalva era ultra rigoroso e intransigente quando o

assunto dizia respeito a qualquer coisa que pudesse colocar em risco a incolumidade política, econômica ou territorial dos Jardins. De fato, à qualquer risco ao regime democrático ou à unidade territorial dos Jardins - fossem propostas de secessão de províncias, fossem violações das fronteiras por piratas ou por quem quer que fosse -, SantaClara Penalva reagia com rigor e usava todos os recursos disponíveis para esmagar as ameaças. Aliás, a unidade e a coesão das províncias que integravam a República Democrática dos Jardins eram temas prioritários nas frequentes reuniões realizadas pelos governadores por todo o país.

Na Praça Maior, também ganhava destaque o edifício do

Parlamento. Não era um prédio tão alto ou futurista como os demais que circundavam o logradouro, mas era imponente. De fato, a grande abóbada dourada que cobria a chamada Casa do Povo - o anfiteatro onde se realizava a Assembleia Nacional, com amplo espaço para plenárias, reuniões que, além de transmitidas para o público remoto através do canal de televisão e projetada em telões espalhados pela cidade, podiam ser acompanhadas das galerias populares ali presentes -, a torre pontiaguda - o bloco vertical chamado Torre Leste, que abrigava os gabinetes parlamentares, inclusive o escritório administrativo do deputado-presidente Jonas Fabrício -, a passarela suspensa - a 'Ponte da Esperança' usada exclusivamente pelos deputados, que

ligava a Torre Leste à Casa do Povo, e os gigantescos vitrais multicoloridos, davam grande imponência ao prédio, que parecia ter saído de um livro de história. Era lá onde funcionava o poder legislativo dos Jardins, abrigando o plenário da Assembleia Nacional, gabinetes de parlamentares, escritórios da administração e auditórios de comissões e grupos de trabalho. O Parlamento era um lugar por onde circulava muita gente. A profusão de pessoas de raças e etnias diferentes, o desfile de trajes e modas regionais, o burburinho de sotaques, gírias, meneios e adereços corporais como tatuagens, brincos, piercings, colares, pulseiras, tornozeleiras, mechas e tudo o mais deixava claro que ali estavam representados os povos de todas as

regiões do mundo livre do vírus. Como dizia o nome do grande auditório e comprovava a miscelânea observada nos salões e corredores, o Parlamento dos Jardins era, de fato, a Casa do Povo, a casa do povo presente em todas as províncias do país.

Nos termos da concepção original do projeto urbanístico de FlorvilleZeta, 'elaborar e fazer cumprir as leis são atividades inseparáveis e devem contribuir para a promoção da justiça e, não, apenas para exercer controle social'. Assim, na Praça Maior também ganhava destaque o Palácio da Justiça - a chamada Torre de Cristal, um monólito delgado, sem janelas aparentes, com fachadas em vidros escuros espelhados, cercado de esculturas -, que sediava os

tribunais superiores, inclusive a Corte Suprema de Justiça e os escritórios dos ministros e dos juizes seniores. Era lá onde, semanalmente, antes de estabelecer a pauta de julgamentos e verificar os casos mais polêmicos, o juiz-ministro Pôncio Veríssimo reunia a corte suprema para julgar recursos e casos de ameaça ao país e ao funcionamento da estrutura que administrava o país. A exemplo do presidente SantaClara, o ministro Pôncio Veríssimo também era da velha guarda e sabia da importância da unidade e da coesão das províncias que integravam os Jardins. Era famosa a dura sentença que, definindo limites para a liberdade de expressão dos parlamentares, [Pôncio Veríssimo] aplicara a um certo CidBoy, vereador da cidade de São Cristóbal, capital da

província de Los Pardos, em punição ao discurso separatista proferido da tribuna na câmara municipal no qual, alegando o término da pandemia de coronavírus e a necessidade de 'reconhecimento das diferenças culturais', defendia a secessão da região Leste do país. Aplicando uma espécie de freio-de-arrumação que pretendia matar ainda no nascedouro um movimento potencialmente perigoso para a República, a decisão frustrou planos do grupo 'Los Pardos Libre' (também conhecido como LPL) desejoso de ter o seu próprio país e, desde então, suportando todo tipo de crítica, inclusive as [críticas] de ser 'autoritário' e 'antidemocrático', o juiz-ministro Pôncio Veríssimo passara a contar com a proteção garantida pelo serviço secreto

do Batalhão Base Coliseum às autoridades eventualmente ameaçadas.

Compondo o conjunto básico dos edifícios-sede dos poderes que faziam a administração da República Democrática dos Jardins na Praça Maior, estava o 'Grande Mastro', nome pelo qual era chamado o Palácio Domenic Carmello em referência arquitetura arrojada da sua construção. O 'Grande Mastro' abrigava a sede do poder executivo dos Jardins, a esfera administrativa encarregada de tornar realidade os programas e políticas públicas definidas pelo Poder Planificador. Era no último andar do Palácio Domenic Carmello onde ficava o escritório de onde a chefe do poder executivo dos Jardins, a administradora-geral Helenna Cézar

gerenciava o país através de uma rede de transmissores, cujos sinais criptografados conectavam o sistema de comunicações instalado no Grande Farol, alguns quilômetros mais adiante, de onde eram redistribuídos por redes que percolavam o país instantaneamente.

Além daqueles prédios no entorno da Praça Maior, outros [prédios] da administração se espalhavam por FlorvilleZeta.

Na ponta extrema da península, por exemplo, bem no alto do promontório, estava o Grande Farol - a torre do farol desativado desde o começo do século, que, tornada desnecessária pela evolução dos sistemas de orientação, fora restaurada e reformada para receber as sedes de alguns dos

principais organismos de segurança dos Jardins, incluindo o QG das Forças de Defesa da República comandado pelo general Luccas Zuchero, o escritório-central do Conselho Geral de Inteligência e a chamada Floresta de Antenas, aparato compacto que recebia, processava e, se necessário, transmitia ou retransmitia sinais do sistema de vigilância e comunicações através de uma sofisticada rede cuja capilaridade atingia todos os endereços do país. A Floresta de Antenas era um dos orgulhos tecnológicos do sistema de defesa do país, sendo referida pela professora Elena Rúbia, presidente do Conselho Geral de Inteligência e membro do estado-maior das Forças de Defesa da República, como um 'instrumento compacto criado para encurtar

distâncias, garantir o acompanhamento dos acontecimentos e fazer o intercâmbio de informações em tempo real'.

Esta era a ambiência no qual atuava o círculo decisório mais elevado do país. De fato, cumprindo responsabilidades diferentes, cada qual em uma área específica, o presidente SantaClara, a administradora-geral Helenna César, o deputado-presidente Jonas Fabrício e o juiz-ministro Pôncio Veríssimo exerciam o Alto Comando da República Democrática dos Jardins. Embora primasse pela descentralização, em algumas matérias - entre as quais, o planejamento econômico, a defesa do território e a preservação da democracia -, os Jardins eram governados por um

aparato coordenado pelo presidente da república.